

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DE NOVA PETRÓPOLIS
(Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis
[ed] . Caxias do Sul, EDUCS, 1988, 336 pp.)

René E. Gertz*

Na Europa grande parte da produção historiográfica tem significativa aceitação popular. A “história do cotidiano”, por exemplo, constitui bom produto de venda em muitos países. Alguns destes produtos estão entrando firme no mercado brasileiro através da tradução de alguns livros representativos desta linha.

Recentemente recebi uma circular sobre o V Encontro Estadual de Microistória, a realizar-se em outubro de 1988, mostrando a receptividade deste tipo de assunto entre um público não-acadêmico, pois quem alguma vez assistiu a um destes encontros sabe que, mesmo quando promovidos por instituições de ensino superior, acorrem a eles principalmente historiadores amadores dos municípios do interior do estado. Estes estudiosos em geral publicam seus trabalhos em colunas permanentes ou em artigos esporádicos na imprensa local e grande parte fica na expectativa de que alguma autoridade municipal os encarregue da redação de uma história do município a ser publicada em comemoração a algum jubileu da comuna.

Muitos colegas são extremamente críticos e desdenhosos em relação a esta produção historiográfica, que em geral não obedece a certos parâmetros considerados imprescindíveis pela “corporação”. Concordo com esta crítica, mas nunca olhei com desdém para o trabalho destes pesquisadores. Apesar dos erros e dos exageros estilísticos muitos destes trabalhos já me forneceram informações importantes para o meu próprio trabalho.

Certo domingo de fevereiro de 1988 fui à procura de um clima mais ameno na agradável Nova Petrópolis, a 92 km de Porto Alegre, sede do município que atualmente possui cerca de 18.000 habitantes e que teve sua

origem na “Colônia Provincial de Nova Petrópolis”, criada em 7 de setembro de 1858. Na hora do almoço soube que à tarde seria lançado um livro sobre a história do município no Parque do Imigrante. Por dever de ofício fui ao Parque com a intenção de obter um exemplar. Lá estavam o prefeito e outras autoridades, mas o que comprei não correspondeu aos padrões usuais deste tipo de publicação. Para começar, não havia publicidade das principais empresas do município e também não havia o capítulo final sobre a “atual administração”. Comprei um livro inovador no ramo.

Trata-se de um volume bi-língue (português e alemão), elaborado por um grupo ligado ao Departamento de História da Universidade de Caxias do Sul. Como indica o subtítulo (“Depoimentos”), o livro é uma compilação de depoimentos de 65 pessoas do município, nascidas entre 1890 e 1935. Estes depoimentos ou extratos de depoimentos são introduzidos e interligados por textos redacionais. Grande parte deles foi feita em dialeto alemão local, transcritos como tais e traduzidos para o português; inversamente alguns depoimentos feitos em português foram traduzidos para o alemão gramatical. Também os textos redacionais estão em português e alemão, no intuito declarado de que o livro possa ser utilizado por leitores de língua portuguesa e alemã. Além do texto há uma seção de fotografias, onde uma série de situações descritas nos depoimentos pode ser visualizada.

Os depoimentos não são transcritos integral ou parcialmente um após outro, mas foram compilados extratos significativos sobre cada tema proposto nas entrevistas.

Os depoentes mostram as razões que levaram seus antepassados ou eles próprios a deixar a Alemanha: dificuldades econômicas, na maioria dos casos, problemas políticos, em alguns. Chegar ao Brasil não era fácil. A travessia do mar era extremamente penosa; uma vez chegado, a locomoção aos locais de destino também era muito difícil. Uma depoente conta que sua avó veio ao Brasil para encontrar-se com uma irmã que emigrara antes e se estabelecera em Santa Cruz do Sul. Desembarcando em Porto Alegre, não teve como ir a Santa Cruz e acompanhou um grupo que se destinava a Nova Petrópolis. Nunca conseguiu encontrar-se com a irmã.

Uma vez chegado ao local de fixação, enfrentavam-se problemas com índios, sentia-se a distância em relação à “civilização”, as diferenças de origem regional na Alemanha e as conseqüentes diferenças de costumes, de dialetos falados, as diferenças de confissão religiosa dificultavam a convivência entre os colonizadores. Doenças minavam a vida física pela ausência de atendimento médico, as deficiências no atendimento religioso por falta de padres e pastores minavam a vida espiritual.

Apesar das dificuldades não havia alternativa, era necessário criar as condições para a sobrevivência. Isto obrigava a uma vida extremamente simples, com pés descalços, sem consumo de supérfluos como café, o engajamento de toda a família no trabalho duro, uma educação severa.

Os imigrantes tinham sido em sua maioria camponeses na Alemanha, mas alguns provinham de outras profissões e precisavam adaptar-se a esta nova atividade, sofrendo em geral muito com a readaptação.

Na constituição de uma sociedade em meio à floresta sul-riograndense intervieram muitos fatores. Apesar dos problemas de atendimento religioso nas primeiras décadas, apesar da rivalidade entre católicos e não-católicos, a igreja exerceu um papel muito importante para a consolidação desta sociedade. A escola, apesar de ser atendida por professores leigos e das conseqüentes deficiências e instabilidades do corpo docente, conseguiu com sua pedagogia peculiar dar aos filhos dos colonizadores rudimentos mínimos de educação formal.

Outras formas de vida associativa prosperaram: associações de caráter econômico, recreativo e cultural. Aspectos culturais ligados a estas instituições são descritos em cores vivas pelos depoentes: bailes, festas, casamentos, enterros.

O desenvolvimento econômico da colônia é abordado em outra seção. São descritas as atividades dos carroceiros (transporte), o mercado para os produtos da colônia, a origem dos suprimentos, a importância dos caixeiros-viajantes, o artesanato (serrarias, cervejarias, moinhos, curtumes, refinarias de banha). Os depoentes destacam que Nova Petrópolis teria sido o berço do cooperativismo no Brasil, com a criação da Caixa Rural em 1902.

Uma seção do livro é dedicada à história política do município. Os depoentes destacam sob este aspecto a presença dos "Brummer" entre os primeiros habitantes. Descrevem depois os reflexos da Guerra do Paraguai sobre a colônia e finalmente o ricochete do episódio dos "Mucker", pois parte dos sobreviventes de Sapiranga foi estabelecer-se na Fazenda Pirajá, em Nova Petrópolis, e ali ocorreu o assim chamado "segundo levante 'Mucker'". Outro momento político muito marcante para a colônia foi a "guerra dos maragatos" no início da República. Como conseqüência de reiterados ataques, sobretudo por parte de opositores ao regime castilhistas, a colônia se mobilizou para a criação de organizações paramilitares de defesa.

A República Velha é recordada com detalhes que lembram a situação brasileira em geral. O folclore em torno da fraude das eleições, dos "churrascos eleitorais", da violência física que conhecemos da bibliografia em geral está muito presente na memória dos depoentes, sem que estes ti-

vessem lido esta bibliografia.

Alguns anos atrás tentei realizar entrevistas sobre o integralismo na área abrangida pelo município de São Leopoldo na década de 1930. Tive muitas decepções. A grande maioria das pessoas se negava a falar sobre o assunto. Pelo resultado vê-se que a equipe de Caxias do Sul foi mais feliz. As pessoas falaram sem muitas restrições sobre o tema (talvez porque o trabalho possuía chancela oficial e porque o tema estava embutido em uma série de outros temas menos delicados). Os relatos são interessantes: “A gente não entendia nada, pois os discursos eram todos em português”: “Os camisas verdes. Isso era bonito. Pelo menos dava carne, eles davam churrasco” (p. 255).

O Estado Novo e a campanha da “nacionalização” são outro capítulo extremamente interessante, revelando muitas vezes na mais pura crueza e ingenuidade um capítulo triste do bestialógico nacional. Os relatos referem-se às invasões de domicílio e conseqüentes violências físicas e prisões, ao confisco (roubo) de rádios e máquinas fotográficas (o ganha-pão de certas pessoas), aos “espiões” que vinham à colônia para induzir os habitantes a falar alemão, para depois denunciá-los. Pombos-correio foram confiscados como supostos instrumentos de perigosas maquinações para o estabelecimento de uma colônia nazi-fascista na serra gaúcha. O idoso Prof. Willrich morreu de desgosto, quando lhe confiscaram a pequena biblioteca.

Terminada a Segunda Guerra, a colônia começa a recuperar-se do trauma e em 28 de fevereiro de 1955 foi instalado o município de Nova Petrópolis, desmembrado de São Sebastião do Caí.

O livro não interessa apenas a historiólogos. Sociólogos, antropólogos, cientistas sociais em geral encontrarão nele valioso material; a transcrição dos textos em dialeto local, inclusive com seus truncamentos, pode servir muito bem de matéria-prima para lingüistas. Enfim, a equipe do Departamento de História da Universidade de Caxias do Sul prestou um grande serviço com este trabalho.

Evidentemente há algumas deficiências. Às vezes encontramos uma mesma afirmação ou informação repetida por diversas pessoas, não acrescentando, portanto, nada de novo, apesar de ocupar espaço.

No final do trabalho está a listagem dos entrevistados com a indicação das datas e dos locais de nascimento; a estas informações poderiam ter sido acrescentadas a confissão religiosa e a profissão, que em alguns momentos contribuiriam para uma melhor compreensão das afirmações.

Outro problema do trabalho — este implícito na proposta, mas convém alertar — é que seu enfoque é essencialmente “antropológico”; a própria idade dos 65 entrevistados já os particulariza dentro da população glo-

bal e por isso suas opiniões e concepções não são necessariamente representativas dos 18.000 habitantes do município. É certo que não faltará algum “folclorista gaudério” que recorrerá ao livro para fundamentar seus preconceitos sobre o exotismo da “colônia”.

Por fim cabe destacar que interessantemente os depoentes mantiveram um alto nível de objetividade e distanciamento nas suas afirmações e que em vários casos o texto redacional é mais enfático e emotivo do que os depoimentos, quando seria de esperar o inverso. Quero exemplificar isto com duas passagens (os textos são redacionais e não de depoentes!). A seção sobre a educação nas famílias encerra assim: “Os anos foram passando e os velhos pioneiros foram-se uns após os outros e hoje dormem serenos no seio da Nova Pátria que ajudaram a construir. E a brisa suave da Serra Gaúcha, quando sopra pelos velhos túmulos espalhados entre as colônias, parece murmurar. ‘Dou-te graças, Senhor, por me haveres dado estes pais, eles me apontaram o caminho’” (p. 115). Adiante: “A política internacional, onde se defrontavam o nazi-fascismo e o comunismo, além da solerte atuação da plutocracia internacional, também teve seus reflexos em Nova Petrópolis” (p. 217).

Se a primeira destas frases é desculpável como produto de um cientista-social-poeta, a adjetivação e o próprio conteúdo da segunda não constituem exatamente atestados de isenção.

Mas apontar para algumas deficiências e alertar para certos perigos não desmerece em nada o conjunto do empreendimento, cuja oportunidade cabe ressaltar com toda ênfase.

* Pontifícia Universidade Católica do RGS.
Curso de Pós-graduação em História.
90620 – Porto Alegre – RS.